

O ESTRANHAMENTO DO TRABALHADOR E A COLETIVIDADE DA VOZ NEGRA¹: um análise de Bell Hooks e Karl Marx

Lucas Huber Rosa²

Resumo: O presente ensaio aborda o conceito de “teoria como prática libertadora” desenvolvido pela autora Bell Hooks em sua obra “Ensinando a transgredir”. O objetivo do estudo é analisar como a teorização sobre a realidade social funciona como instrumento de cura e resistência para mulheres negras frente à opressão de gênero e racismo, bem como estabelecer paralelos entre o pensamento de Hooks e os de Karl Marx e Paulo Freire. A metodologia adotada consiste em revisão bibliográfica e análise crítica do capítulo “A teoria como prática libertadora”, relacionando-o às obras “A Ideologia Alemã” (Marx) e “A importância do ato de ler” (Freire). Os principais resultados indicam que Hooks argumenta que a teoria hegemônica, especialmente no feminismo acadêmico, frequentemente exclui mulheres de cor, reproduzindo cisões entre teoria e prática. Em contrapartida, a teorização vivida a partir da experiência pessoal e coletiva permite a cura, a libertação e a ação política. Observa-se ainda uma atualização do pensamento de Marx sobre alienação e práxis revolucionária no debate de Hooks, que incorpora as dimensões de gênero e raça. Conclui-se que a teoria, quando comprometida com um movimento feminista de massas, torna-se ferramenta de transformação social.

Palavras-Chave: Teoria como prática libertadora; Feminismo Negro; Alienação; Transformação Social.

A autora, professora, teórica feminista e ativista Gloria Jean Watkins, ou como é conhecida por seu pseudônimo Bell Hooks, foi uma importante estudiosa norte americana que escreveu diversos livros e artigos sobre a luta antirracista e feminista. Uma de suas obras marcantes é a intitulada “Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora”, publicada em 1994. “A teoria como prática libertadora”, é uma manifestação militante e política, a qual trata de maneira principal como a teorização da sociedade em que se vive funciona como instrumento de cura para muitas pessoas marginalizadas, tanto pelo sistema, quanto por seus pares e sociedade. O debate traz em seu cerne a luta diária vivida por mulheres de cor, que para além da discriminação de gênero sofrem com o racismo. Dentro do debate de Hooks podemos estabelecer alguns paralelos com outros estudiosos e estudiosas que tentarei aprofundar em seguida.

Bell Hooks apresenta, na obra, a citação de Terry Eagleton “As crianças são os melhores teóricos”, sobre a qual Eagleton explica que existe uma insistência por fazer

¹ Trabalho desenvolvido no contexto da disciplina Sociologia II ministrada pela professora Thays Wolfarth Mossi ao curso de Licenciatura/Bacharelado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFRGS).

² Licenciado em Ciências Sociais pela UFRGS, lucashuberrosa@gmail.com.

perguntas muitas vezes gerais e universais que os adultos esquecem. Em contrapartida, Hooks apresenta uma realidade oposta ao pressuposto de Eagleton. A partir de sua experiência pessoal, tendo crescido em um ambiente patriarcal, a autora argumenta que essa insistência em questionar representava, para seus familiares, um desejo de destruir suas tradições, seus ideais construídos, e dessa maneira, deveria ser reprimida, contida ou punida. Neste contexto, as pessoas dentro de sua própria casa não compreendiam sua maneira de ver o mundo e sequer queriam falar dela. Devido às estruturas que constituem a sociedade, muitas pessoas não se sentem seguras ou confortáveis para abordar determinados assuntos quando estão no meio familiar.

O caminho para fugir dessa repressão, desse mundo no qual o outro acredita que uma mudança representa a subversão de valores e a destruição de algo que por anos fora construído e perpetuado, como foi o caso da família na qual Bell Hooks cresceu, está no refúgio que a “teorização” é capaz de proporcionar, como cita a própria escritora. Teorizar sobre o lugar em que estamos significa entender o que acontece ao nosso redor, pensar em possibilidades futuras, em como a vida pode ser diferente, e como a teoria serve como um lugar de cura. Além disso, a experiência vivida da teorização diz respeito ao ato de que não existe uma cisão entre teoria e prática. Quando alguém vive sobre o que ela teoriza, esse conhecimento assume uma função curativa, libertadora e revolucionária, pois foi dirigido para aquilo. Nesse aspecto, a autora defende que todas as pessoas podem praticar a teorização sem conhecer o termo; porém, essa prática não diz respeito à teoria como prática libertadora, que refugia diversas pessoas encontradas em situações de repressão. Nesse aspecto, Hooks aprofunda como diferentes estudiosos se apropriam de uma teorização sem que se tenha uma função de libertação da repressão e sim apontamentos de caráter analítico.

Nesse âmbito, Hooks inclui em seu debate o fato de muitas pessoas que não viverem o que determinada teoria definitivamente representa, mas tirarem benefício dela, ou apenas desvalorizarem determinado pensamento com o intuito de continuar reprimindo quem enfrenta essa guerra cotidianamente. Para exemplificar tal ação, a autora cita o trabalho de teóricas feministas de cor ou grupos de mulheres brancas marginalizadas, que muitas vezes, com pouca visibilidade e poucos status, são usados, em sua maioria, por mulheres brancas para debaterem assuntos dentro do feminismo com uma falsa propriedade e pertencimento, sem referenciar os textos e autoras.. Frente a isso, Hooks explica a necessidade de separar, desafiar e desconstruir a categoria “mulher”, pois seria preciso uma revolução no pensamento feminista que quebrasse essa barreira entre as mulheres negras e a hegemonia do pensamento

das acadêmicas brancas, visto que, para além da repressão de gênero que as mulheres sofrem dentro desse sistema patriarcal, existe para as acadêmicas negras a questão discriminatória perpetuada pelo racismo. Por isso, se torna necessário um debate feminista que inclua essas pautas, pois um feminismo em que se discuta a questão de gênero e não se discuta a questão racial seguirá reprimindo mulheres que, inicialmente, já foram reprimidas em suas casas, pelo sistema patriarcal, e seguirão sendo reprimidas pelo sistema racista.

Ademais, Hooks argumenta que a teoria feminista hegemônica não fala claramente com todas as mulheres, o que cria a cisão entre teoria e prática, que deixa muitas vezes de ser libertadora e apenas perpetua o sistema de repressão, criando uma hierarquia quanto a determinadas partes do movimento feminista. Tal fato acontece pois a teoria hegemônica não é um discurso que engloba massas, age coletivamente englobando mulheres numa resistência capaz de transformação social da realidade, as palavras que funcionam como ação para discutir questões de gênero e negritude são marginalizadas e distanciadas do debate. Uma vez que os esforços para quebrar o silêncio e engajar mulheres negras em debates políticos progressistas radicais são combatidos com oposição, surge a falácia de que “toda teoria é inútil”, e desvaloriza-se a educação para a construção de uma consciência crítica, perpetuando por meio do discurso ideológico a manipulação e repressão coletivas e, por consequência, perde-se a noção do quão importante a teoria é para trabalhar gênero. Tal desprezo pela teoria mina a luta coletiva de resistência contra a opressão e a exploração.

Concluindo o capítulo, a teórica disserta sobre o processo de transformação feminista que busca mudar a sociedade e alterar a realidade enfrentada e que pode ser cooptado se não estiver dentro de um compromisso político com um movimento feminista de massas. Portanto, demonstra que a teoria serve como escudo contra as repressões enfrentadas durante as experiências pessoais e vivências, por ser uma mulher de cor e crescer numa casa patriarcal, a teoria esteve presente desde cedo, após isso, veio a marginalização de seu trabalho devido às questões de gênero, somada ao fato de debater sobre a negritude e ser mais afastada do debate, enfrentando ainda discursos que menosprezavam a importância da teoria separando-a da prática; inferiorizando um processo que parte do individual e que coletivamente, em massas e age como instrumento contra barreiras dominantes que é a teorização.

Ademais, dentro de “Ensinando a Transgredir” é possível destacar conceitos, características, perspectivas que atualizam o pensamento dos clássicos da Sociologia, a título de exemplo, atributos da obra de Karl Marx, principalmente na obra intitulada a “A Ideologia

Alemã”. É necessário para compreender os aspectos presentes nos dois debates e suas semelhanças, primeiro entender as diferenças presentes. Karl Marx é um teórico do século XIX que traz no cerne de suas pesquisas o Materialismo Histórico Dialético, no qual trabalha a luta de classes e a formação social a partir da exploração do trabalhador alienado e oprimido. No entanto, diferente de Karl Marx, Bell Hooks tem no cerne do debate de “Teoria como prática libertadora” a opressão enfrentada por mulheres de cor dentro da sociedade e dentro do próprio debate sobre o movimento feminista, e como a teoria funciona como instrumento de cura para enfrentar a situação vivenciada.

A relação que mais se evidencia é a maneira que ambos buscam por estabelecer leis da mudança histórica, em suma, buscar uma maneira de alterar a realidade social enfrentada. A unidade entre teoria e práxis está presente em ambos os debates, de forma que o mundo fora interpretado para cada um de uma maneira e ele sofrerá uma transformação a partir disso. Karl Marx, em seu debate descreve a sociedade em que vive como um local em que o indivíduo é um objeto do trabalho, sem opinião dentro do sistema, logo, por mais que individualmente seja contrário ao que vive, ele não pertence ao que faz, é um ser estranhado, é uma atividade que pertence ao outro e é imposta para o homem que se perde do seu ser genérico. Essa alienação e perda do ser genérico, representa a opressão do homem que é livre pela sua consciência, mas que não é capaz de agir pelo sistema que o separa de sua essência. A base para mudar esse processo em Marx se mostra presente na teorização do socialismo científico, no qual busca leis que permitem sustentar que haverá uma revolução política, baseado em um coletivo que enfrenta concomitantemente essa opressão. Nesse sentido, para mudar a situação de repressão na qual o trabalhador não é representado, Marx articula a dialética – estabelecer leis de mudança que regem os fenômenos -, e o materialismo – ponto de partida do conhecimento dos indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência -, tais pontos representam a razão como meio de transformação da realidade, o caminho para a liberdade.

Quando analisado o debate de Bell Hooks, observam-se aspectos que atualizam o debate de Marx, dentro do debate do feminismo e da negritude. Hooks debate sobre a força que o movimento feminista hegemônico tem dentro do meio acadêmico e como mulheres de cor não são representadas por tal teoria, traçando um paralelo ao trabalhador estranhado em Marx. Muitas mulheres estão dentro de um sistema que não diz respeito à realidade em que vivem e não diz respeito às suas consciências individuais, fazendo com que muitas vezes apenas aceitar o sistema vigente e se perder do seu “ser genérico” seja uma consequência

inevitável quando não há busca por mudança histórica com união coletiva. A maneira que a teórica buscou dissertar sobre como alterar a realidade social é a partir da teorização, na qual mulheres negras dentro de suas vivências quebram o silêncio para se engajar no debate político. Esse processo que deve ter um compromisso político coletivo, de massas para que seja possível a transformação do feminismo que mude a sociedade, assim como a teorização do socialismo científico em Marx.

Aprofundando a relação das ideias de Hooks e Marx, a sensação de não se encaixar, de estar em um lugar que não foi feito para você — que Hooks descreve tão bem ao falar das mulheres negras no feminismo hegemônico —, também pode ser pensada a partir de Marx de uma maneira muito particular. Nos Manuscritos Econômico-filosóficos, ele percebe que o problema do trabalhador na fábrica não era só ganhar pouco ou trabalhar muito. Era algo mais profundo: ao ser obrigado a vender sua força de trabalho, o trabalhador perde contato com algo essencial, que Marx chama de "ser genérico". Isto é, a capacidade humana de criar, de transformar o mundo coletivamente, de se reconhecer no que faz. Quando o trabalho vira apenas um meio para sobreviver, o trabalhador se torna estranho a si mesmo, ao outro e à própria humanidade. Mais tarde, em "A Ideologia Alemã" e nas "Teses sobre Feuerbach", Marx dá um passo adiante ao pensar como sair dessa situação com possíveis interpretações. Na Tese 3, ele diz algo simples e poderoso: sim, as pessoas são moldadas pelas circunstâncias em que vivem, mas quem molda essas circunstâncias são as próprias pessoas. Ou seja, não somos apenas vítimas do sistema; podemos agir sobre ele. E na Tese 8, ele completa: a vida social é prática. Isso quer dizer que os grandes problemas da humanidade não se resolvem apenas com boas ideias ou teorias bonitas, mas com ação concreta, com prática. A teoria, para Marx, só faz sentido se auxiliar a entender o mundo para transformá-lo. De nada serve pensar sobre a opressão se não for para combatê-la junto com outros. É nessa união entre o pensar e o agir — entre as mulheres negras que se juntam para teorizar sua própria experiência e, a partir daí, lutar por um feminismo que as inclua de verdade — que a liberdade começa a se tornar possível.

Se em Marx a práxis revolucionária é o ato de retomada do ser genérico pela ação coletiva, em Bell Hooks essa retomada se dá por um movimento profundamente subjetivo e, ao mesmo tempo, político: a "teoria como prática libertadora" e como "lugar de cura". Esse entendimento ressoa fortemente com o pensamento de Paulo Freire em *A importância do ato de ler* (1984). Para Freire, a conscientização — que é um ato teórico-prático — emerge justamente dessa leitura crítica da realidade, um processo que permite ao oprimido desvelar as

estruturas de dominação que o silenciam. É nesse desvelar que reside a cura. A teorização, portanto, não é um distanciamento frio da realidade, mas um mergulho nela para compreendê-la a partir da própria experiência vivida, transformando a dor e o silêncio em voz e conhecimento. Quando Hooks afirma que a teoria foi um "lugar de cura" para escapar da repressão de seu lar patriarcal e do racismo acadêmico, ela está, assim como Freire, afirmando que o ato de nomear a própria opressão é o primeiro e indispensável passo para superá-la. Essa leitura crítica do mundo é uma prática que serve como a ponte entre a experiência individual do sofrimento e a ação política coletiva. A cura não é, portanto, um fim em si mesmo ou um processo meramente individual, mas a reconstituição de um sujeito histórico que, ao compreender as engrenagens que o aprisionam, se empodera para, coletivamente, construir uma nova realidade.

Sendo assim, a obra de Bell Hooks escrita um século após o debate de Karl Marx sobre o Materialismo Histórico Dialético traz de uma maneira contemporânea ao seu tempo questões similares às tratadas pelo sociólogo. Os enfoques da sociedade marginalizada nas duas dissertações mudam, para Marx é o trabalhador alienado e a luta de classes, para Hooks são as mulheres de cor e a hegemonia de um movimento feminista que não abarca e integra tais mulheres em suas discussões. Porém, da mesma maneira a teorização somada à união coletiva surge para ambos como um mecanismo de enfrentar tal realidade social e realizar uma mudança histórica. Portanto, a teoria, a maneira de pensar racionalmente sobre a realidade vivida é uma atualização de Marx em Bell Hooks - mesmo que indiretamente -, e funciona como um instrumento de libertação e oposição a um sistema que oprime e marginaliza.

REFERÊNCIAS

- HOOKS, bell (2013) "A Teoria Como Prática Libertadora". Ensinando a Transgredir. São Paulo, Martins Fontes, p. 83-104.
- MARX, K. [1844]. Manuscritos Econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. [1846]. A Ideologia Alemã. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, "I. Feuerbach", item A, ponto 1, p. 5-34.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1984. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4)

Ensaio recebido em 08/02/2023.

Aprovado em 31/03/2026.